

Com um passado, há muito, manchado, pelas brigas constantes em que se metia, não poupando os seus próprios pais e outros familiares, constava até que os seus progenitores eram frequentemente, por ele, açoitados sem que nada pudessem fazer, com receio de represálias. Em Aباças, ninguém ousava enfrentá-lo de peito aberto, o terror psicológico era a arma predilecta utilizada, para atingir os seus intentos. A sua regra de ouro assentava, invariavelmente, na procura constante e gratuita da

onde hoje funciona o café Cruzeiro, e de imediato pôe em prática uma estratégia de aliciamento, tendo em vista, seduzir todos os presentes, com o seu poder argumentativo e verbo fácil. As atenções ficaram, como é óbvio, a partir daquele momento, totalmente nele concentradas. Naquele tempo, as tabernas encerravam às 10 horas da noite (era assim o horário de verão) e após o encerramento, naquele dia, quando toda a gente se preparava para seguir o seu caminho, de regresso a casa, num gesto inesperado

quatro, dos restantes companheiros, lhe seguissem o exemplo, e o Florival, acto contínuo, acabou por ser alvo de uma tarefa monumental, ficando, assim, impossibilitado de reagir, em tempo útil. Depois da primeira sova, foi levado em braços até uma centena de metros, mais à frente, próximo da casa do Félix, junto à Azenha do Casal das Leites, local onde foi abandonado, não sem antes ser novamente sovado e insultado com impropérios vários. Na sequência desta série de acontecimentos ficou muito maltrata-

desvaneceram, passando as pessoas a viver mais alegres, mais afoitas sem o constrangimento de se cruzar com ele ao virar da esquina e sofrerem as suas investidas maléficas.

O famigerado Florival, ao que parece, passou a ter um comportamento mais discreto, menos agressivo e mais cordial, nunca mais apareceu em Guiães, tal foi o escaldão que apañhou, que ficou com medo da água fria.



Carlos Botelho

O "muro" da hipocrisia continua de pé!

Pode ter caído o chamado muro da "vergonha", mas há muros que, ao longo destes últimos 20 anos, não param de crescer e esses são: os da hipocrisia, os da exploração e os da corrupção. Nunca como hoje, as pessoas se aperceberam que afinal de contas não existia apenas um muro físico e visível que separava duas formas diferentes de encarar uma sociedade. Em 1989 o mundo festejava aquilo que parecia ser uma época de paz e de solidariedade entre povos e nações. Mas, não foi preciso esperar muito tempo para vermos que o derrube de todo um sistema político/económico, não só não resolveria os problemas que o mundo tinha, como iria abrir anos de autêntica barbárie em vários pontos do globo. Assim, logo no início da década de

90 assistimos à 1ª Guerra do Golfo, em seguida é no próprio coração da Europa, mais concretamente na região dos Balcãs que assistimos ao autêntico horror fratricida entre os povos que constituíam a antiga Jugoslávia. A comunidade internacional, na sua habitual hipocrisia, hesitou e quando actuou já milhares de vidas se tinham perdido numa das maiores barbáries a que o velho continente assistiu durante o século XX.

Hoje, é certo que um regime que oprimia as suas populações desapareceu juntamente com o muro que servia de porta de entrada e saída entre dois mundos diametralmente opostos, mas temos assistido, ao longo destes últimos 20 anos, a autênticos ataques à liberdade de expressão, aos direitos da generalidade dos trabalha-

dores, ao aumento da disparidade entre ricos e pobres, etc. Tudo isto tem tido como resposta autênticos "muros" de hipocrisia. É só estarmos atentos ao que nos rodeia e logo nos apercebemos que vivemos num sistema de "castas invisíveis", em que aos poderosos tudo ou quase tudo é permitido e à esmagadora maioria da população tudo ou quase tudo é punido. É aqui, nesta distinção entre classes, que persiste este horrível "muro" de hipocrisia. Haja coragem para se derrubar este muro que nos amarfanha e que de certa forma nos tenta humilhar. Apenas teremos razões para festejar quando tivermos a inteligência suficiente para derrubar os "muros" e esse é o da hipocrisia e o da desigualdade.



Ana Maria Aguiar Macedo

9 de Novembro de 1989: a reunificação da Alemanha, ou o mais espantoso milagre do século XX!

Celebra-se, agora, aquele acontecimento ímpar que precipitou a agonia do socialismo estalinista: a unificação de RDA e da RFA.

A ferida sangrenta que durante quarenta anos dilacerou as duas metades da Alemanha, logrou cicatrizar-se. A cura demorou mas chegou finalmente.

Graças à Oração pela Paz então celebrada na Igreja de S. Nicolau, em Leipzig, dizem os crentes, e os ateus calam-se.

A verdade é que aconteceu o que

ninguém esperava: após 40 anos, a fronteira de ferro que separava os alemães logrou cair!

Esta divisão forçada era um autêntico símbolo do comunismo soviético, impiedoso e brutal, cuja agonia Gorbachev não pôde ou não quis evitar, e que marcou a sua derrota na Europa.

É flagrante, incontestável, a semelhança histórica com a tomada da Bastilha: ambos estes acontecimentos marcaram, definitivamente, a face do mundo.

Graças a Mikhail Gorbachev, não houve uma intervenção militar a forçar a permanência deste muro da vergonha, desta incrível maldição dos tempos modernos!

E os inúmeros pedacinhos em que ele se desmembrou, espalhados pela velha Europa, e até em frente do Parlamento Europeu em Bruxelas, parecem ter adquirido voz própria, como que para lembrar ao mundo a atrocidade cometida.

Eu estive na Alemanha no tempo do

muro. Não o atravessei porque era necessária uma autorização especial e eu não a tinha. Mas tive ocasião de observar, nos dias que lá passei, o sofrimento, o desespero daquelas famílias cruelmente separadas: parte na RFA, parte na RDA, uma maldição que parecia definitiva e transformava em sangue as lágrimas de toda aquela gente.

Na minha condição de europeia, não posso deixar de saudar o fim desta situação diabólica e comemorar a libertação que chegou.